

Avaliação microbiológica das mãos dos estudantes do Curso de Graduação em Medicina do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) durante as práticas de atendimentos ambulatoriais.

Ciências da Saúde

Gleiciane Lemos Fernando Mendes¹, Lara Alícia Agostinho¹, Lucas Guilherme Martins Santos¹, Amanda Gonçalves Miranda¹, Julia Larangeira Protes¹, Leticia Rodrigues Weberling¹, Luiza de Paiva Faria¹, Marcus Vinicius Moreira de Souza¹, Paula Domingues Gatti¹, Paula Lobato Sepe¹, Raíssa Barbosa Magalhães¹, Flávio Araújo Gomes²

Centro Universitário de Belo Horizonte

Curso de Graduação em Medicina, Campus: Buritis - flaviogomes@prof.unibh.br

Introdução

As mãos são consideradas ferramentas principais dos profissionais de saúde, pois através delas são realizadas as principais atividades neste setor. Um estudo realizado por Ignaz Philipp Semmelweis em 1847, observou que a taxa média de mortalidade materna por febre puerperal aumentava devido à exposição das pacientes aos agentes infecciosos não removidos por meio da higienização das mãos.⁴ A higienização das mãos é uma prática essencial entre profissionais de saúde para a prevenção de infecções relacionadas à assistência em saúde - IRAS. Estudos históricos e recentes evidenciam que a falta ou a inadequação da higienização das mãos contribui significativamente para a transmissão de microrganismos, aumentando o risco de infecções nos pacientes.^{1,2,3}

Diante disso, é necessário que tal técnica seja estimulada e conscientizada através da identificação prévia de possíveis falhas na aplicabilidade da higienização das mãos entre os profissionais durante a assistência à saúde, de preferência, ainda durante a formação acadêmica desses, para que, a partir disso, sejam promovidas estratégias de reversão desse panorama, na tentativa de reverter a cultura de baixa adesão à essa técnica preventiva fundamental na assistência à saúde, expandindo a prática de higienização das mãos entre profissionais da saúde - em formação e já formados - nos serviços de saúde visando a segurança e a qualidade da atenção prestada.

Objetivos

Identificar se os acadêmicos (as) do Curso de Graduação em Medicina do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) realizam a higienização das mãos durante as práticas médicas no ambulatório da Clínica Integrada do UniBH e, quando realizada, se é feita de forma correta como preconiza o Protocolo de Higienização das mãos da ANVISA. A partir disso, avaliar o perfil microbiológico das mãos de cada um dos estudantes envolvidos no estudo.

Metodologia

Trata-se de um estudo quali-quantitativo realizado durante os meses de abril a outubro de 2023, na Clínica Integrada de Saúde do Centro Universitário de Belo Horizonte, a partir da observação de, até então, 47 estudantes de medicina do 5º ao 8º período no que diz respeito à realização ou não da lavagem das mãos e à coleta de material biológico das mãos desses discentes antes e, quando a higienização era feita, após a assepsia das mãos. O material coletado foi semeado em meio de cultura e, posteriormente, realizada análise da microbiota presente nas mãos dos estudantes antes e, quando assepsia realizada, após higienização das mãos.

Resultados

A pesquisa está em andamento e foi realizada, até então, com 47 estudantes, sendo 34% homens e 66% mulheres e, desse total, 70% possuíam entre 18 a 24 anos, 19% possuíam entre 25 a 34 anos e 10% possuíam 35 anos ou mais. No que diz respeito ao período, quase 60% pertenciam ao 6º período e 40% pertenciam ao 8º período. O contato com paciente foi o momento mais frequente de exigência da higienização das mãos (95%), conforme preconizado pela ANVISA, sendo o restante preenchido por contato com fluidos corporais e procedimento aséptico. Dados preliminares indicam que 40% dos estudantes de medicina utilizam adornos durante o contato com o paciente, prática essa condenada pelos órgãos de vigilância sanitária.

Outrossim, os dados demonstram que, do total (47), mais de 50% dos alunos não higienizam as mãos em nenhum dos momentos obrigatórios preconizados pela ANVISA (23). Quando são incluídos aqueles que higienizaram em pelo menos um dos momentos obrigatórios, mas não em todos, esse percentagem alcança a marca dos 87% (39). Contudo, cabe destacar que quando a higienização foi realizada – incluindo nesse grupo aqueles que a fizeram em todos os momentos obrigatórios ou em pelo menos um deles – 63% lavaram as mãos de forma qualificada.



Analisando em grupos individualizados de acordo com o que foi feito nas consultas, dos alunos (as) que tiveram contato com o paciente (45), mais da metade não realiza a higienização das mãos (23). Dos que a realizam (22), apenas 22% (6) a realizam nos dois momentos obrigatórios – antes e após contato com paciente – e, desses 6, apenas um não realizou a assepsia de forma qualificada de acordo com as orientações dos órgãos sanitários brasileiros. Dos alunos (as) que tiveram contato com fluidos corporais (3), incluindo um que também teve contato com o paciente), dois realizaram a higienização das mãos e a fizeram de forma qualificada conforme preconiza a ANVISA e um não lavou as mãos. Dos alunos (as) que realizaram procedimento asséptico (2), sendo esses 2 alunos que também tiveram contato com paciente), um não realizou a higienização das mãos e o outro higienizou as mãos e a fez de forma qualificada.

Em relação à análise das colônias a partir do cultivo do material biológico em placas de petri, o processo está em andamento e os dados ainda estão sendo tabulados. Os resultados preliminares indicam maior número de colônias identificadas antes da higienização das mãos, conforme a literatura. Além disso, foram visualizadas culturas diferenciadas que estão em análise, conforme indicadas na imagem abaixo:

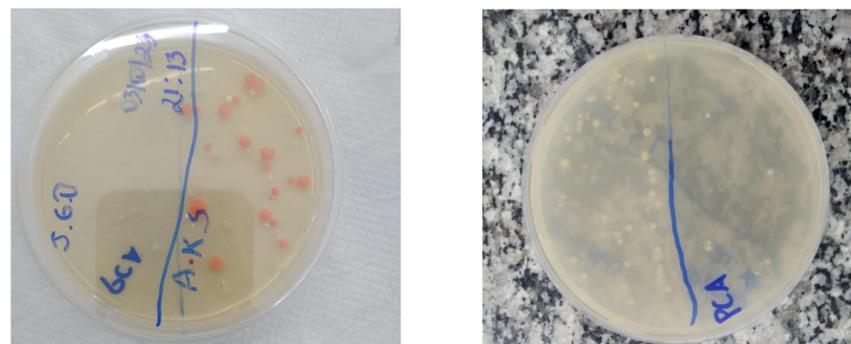


Figura 1: material biológico de discentes que não realizaram a higienização das mãos. Figura 2: material biológico antes, à esquerda, e após, à direita, higienização das mãos

Conclusões

Os dados demonstram que a grande maioria dos alunos não higieniza as mãos conforme preconizado pelos órgãos de vigilância sanitária e, quando a fazem, não realizam em todos os momentos obrigatórios, sendo inclusive um deles não a realizando após contato com fluidos corporais e um não realizando antes de procedimento aséptico. No que tange à qualidade de higienização, os dados indicam um resultado mais promissor, já que mais de 60% dos discentes que fazem assepsia das mãos, a fazem de forma qualificada. Entretanto, esse indicador também precisa ser melhorado.

Nesse sentido, as práticas inadequadas de assepsia das mãos pelos estudantes de medicina do UniBH na Clínica Integrada em Saúde oferece risco de iatrogenia aos pacientes, bem como ao próprio estudante que aumenta o risco de autocontaminação e contaminação do seu arredor, propiciando uma disseminação potencial de uma Infecção Relacionada à Assistência a Saúde (IRAS).

Portanto, nesse contexto é imprescindível o fomento da sensibilização da comunidade acadêmica acerca das medidas de higienização das mãos como principal fator de prevenção e controle de IRAS.

Bibliografia

- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos/Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Brasília: Anvisa, 2009. 105p. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/seguranca_paciente_servicos_saude_higienizacao_maos.pdf>. Acesso em: 25 de fev de 2023.
- Clean Hands Count for Safe Healthcare. **The Center for Disease Control and Prevention**, 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/patientsafety/features/clean-hands-count.html#:~:text=Hand%20hygiene%20is%20a%20great,patients%20on%20any%20given_%20dias>. Acesso em: 25 de fev de 2023.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. **Guideline for Hand Hygiene in Health-Care Settings: Recommendations of the Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee and the HICPAC/SHEA/APIC/IDSA Hand Hygiene Task Force**. MMWR 2002;51(No. RR16):[inclusive page numbers]. Disponível em: <<https://www.cdc.gov/mmwr/PDF/rr/rr5116.pdf>>. Acesso em: 25 de fev de 2023.
- SEMMELEWEIS, I. **Etiology, concept, and prophylaxis of childbed fever**. Carter KC, ed. 1st ed. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 1983. Disponível em: <<https://archive.org/details/etiologyconcepta0000unse>>. Acesso em 25 de fev de 2023.

Apoio Financeiro: Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH.